

# Duas editoras e uma disposição: traduzir a literatura brasileira na França

ADRIANA CLÁUDIA DE SOUSA COSTA \*  
MARTA PRAGANA DANTAS \*\*

**RESUMO:** As editoras independentes, traduzindo literaturas ditas menores em um nicho do mercado que não desperta o interesse das editoras pertencentes a grandes grupos, garantem a preservação da bibliodiversidade. Este artigo discute a posição das editoras *Métailié* e *Anacaona* no campo editorial francês, e como as disposições relacionadas à trajetória de suas fundadoras se refletem em suas tomadas de posição. O objetivo é compreender os efeitos daí advindos sobre a inserção da literatura brasileira na França. Partimos de quatro entrevistas que realizamos com as editoras responsáveis por essas duas empresas – as que mais traduzem literatura brasileira na França –, com respaldo na visada teórica da sociologia da tradução (BOURDIEU, 1999 e 2002; CASANOVA, 2002; SAPIRO, 2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Bourdieu; Campo editorial francês; Editoras independentes; Literatura brasileira; Tradução.

**ABSTRACT:** Independent publishers, by translating so-called minor literatures into a niche market in which publishers belonging to large groups have no interest, guarantee the preservation of bibliodiversity. This article discusses the position of the publishers *Métailié* and *Anacaona* in the French publishing field, and how the dispositions related to the trajectory of their founders are reflected in their stances. The aim is to understand the effects of this on the insertion of Brazilian literature in France. Based on four interviews we conducted with the editors in charge of these two publishing houses - the ones that most translate Brazilian literature in France -, and on the theoretical approach of the sociology of translation (BOURDIEU, 1999 and 2002; CASANOVA, 2002; SAPIRO, 2010).

**KEYWORDS:** Bourdieu; French Editorial Field; Independent Publishers, Brazilian Literature; Translation.

---

\* Doutoranda em Literatura, Cultura e Tradução – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal da Paraíba – UFPB – João Pessoa – PB – Brasil. E-mail: adrianacldd@gmail.com

\*\* Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal da Paraíba – UFPB – João Pessoa – PB – Brasil. E-mail: marta.pragana.dantas@academico.ufpb.br

## Introdução

Uma coisa é certa: no cerne de todas essas contradições que, finalmente, caracterizam o fenômeno da globalização editorial, encontra-se uma constante que mostra as diversas desigualdades que existem entre os grandes e os pequenos jogadores, a amplitude dessas desigualdades sendo mais ou menos importante segundo se fala do livro de grande consumo comercial ou da obra literária (o que se chama em inglês um “*niche Market*”, no qual se concentram a maioria das atividades dos pequenos jogadores, ou, em outras palavras, para dizê-lo com precisão, as editoras independentes).

(CHARRON, 2019, p.16).

As editoras independentes desempenham um papel fundamental na preservação da bibliodiversidade dos mercados editoriais. Ao contrário das empresas pertencentes a grandes grupos editoriais, essas editoras, em sua maioria de porte pequeno ou médio, possuem uma autonomia – ainda que relativa, pois sujeita a coerções impostas pela estrutura do campo e pela posição que elas mesmas nele ocupam – que lhes permite assumir riscos maiores e, portanto, publicar autores ainda desconhecidos. No âmbito de um grande grupo, as editoras precisam se adequar a metas de lucro estabelecidas a partir de princípios próprios ao modo de gestão empresarial, ao passo que as estruturas independentes quase sempre trabalham com margens de lucro menores e atuam segundo critérios editoriais predominantemente marcados pela subjetividade do editor (suas preferências literárias, suas descobertas, suas redes de relações etc.).

Essa abertura para a novidade literária vem atrelada, na maioria das vezes, à atenção que é dada, nessas estruturas editoriais, à tradução de literaturas estrangeiras diversas daquela oriunda do espaço anglo-americano, que domina, de forma avassaladora, as estatísticas atuais sobre circulação internacional de obras literárias. Isso significa que são essas editoras que garantem a circulação da diversidade literária no mercado internacional do livro, interessando-se por literaturas ditas menores ou periféricas e, com isso, afirmando-se em um nicho do mercado que não interessa às grandes editoras.

No caso das obras literárias brasileiras em circulação na França, tema de nosso interesse neste artigo, é esse nicho de mercado que garante a maior parte das traduções. As razões editoriais atinentes aos dois setores do campo – o dos grandes e o dos pequenos jogadores, para usar os termos de Marc Charron (2019) –, de certa maneira refletem a estrutura, profundamente assimétrica, de um campo editorial que, ao longo das últimas décadas, vem se transformando ao ritmo de fusões, aquisições e formação de grandes conglomerados, no contexto do que se convencionou chamar globalização editorial. Paralelamente a esse fenômeno, persistem com maior ou menor vigor, a depender do contexto nacional, as editoras independentes, a maioria delas de porte pequeno ou médio. No caso da França, elas contam com incentivos do Estado (SAPIRO, 2010, p. 426) para enfrentar em melhores condições um espaço cada vez mais inóspito para os pequenos jogadores.

Olhar de perto o funcionamento das pequenas ou médias estruturas editoriais independentes, observando o perfil de seus/suas fundadore/as, como se dão as escolhas de obras, a visão que têm de seu papel na promoção da literatura brasileira bem como do seu leitorado – essas questões serão colocadas, neste artigo, em relação ao estudo de caso de duas editoras que traduzem a literatura brasileira na França: as editoras *Métailié* e *Anacaona*. A partir de quatro entrevistas por nós realizadas, com intervalos de alguns anos, com suas respectivas fundadoras, procuraremos evidenciar pontos de convergência e de divergência no *modus operandi* de ambas, apoiando-nos na perspectiva teórica da sociologia da tradução, mais precisamente nas reflexões de Pierre Bourdieu (1999 e 2002), Pascale Casanova (2002) e Gisèle Sapiro (2010).

As duas entrevistas com Anne-Marie Métailié, ocorridas na sede de sua editora em Paris, estão separadas por um intervalo de quase dez anos: a primeira se deu em 23/01/2011<sup>1</sup>, e a segunda, em 28/08/2020<sup>2</sup>. As entrevistas realizadas com Paula Salnot, proprietária das *Éditions Anacaona*, ocorreram em 23/04/2015 no *Jardin des Plantes*<sup>3</sup>, em Paris, e em 17/03/2020, via Skype<sup>4</sup>. Esse rico material, colhido em diferentes momentos durante a segunda década do nosso século, constitui uma fonte prolífica para se conhecer a percepção de duas importantes agentes do mercado editorial francês, no que diz respeito à difusão da literatura brasileira.

A discussão que empreendemos está articulada em torno de dois eixos. No primeiro abordamos elementos da trajetória social da fundadora de cada uma das editoras, evidenciando elementos de sua formação escolar, como se tornou editora, os encontros que tiveram influência na decisão de fundar uma editora e de atuar no nicho de tradução da literatura brasileira. No segundo eixo, mostramos a posição das editoras no campo e como as disposições relacionadas à trajetória social de cada uma se refletem em suas tomadas de posição. Nas considerações finais, apontamos para a contribuição que estudos dessa natureza podem dar para a compreensão do *modus operandi* de um setor estratégico no que diz respeito à seleção e divulgação das obras literárias brasileiras na França.

Antes de passarmos ao primeiro tópico, um esclarecimento se impõe. Tendo em vista que a *Éditions Métailié* teve 75% de seu capital comprado em 2009 pelo grupo *Le Seuil/La Martinière*, cabe problematizar a questão de sua autonomia no contexto da discussão aqui

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Marta Pragana Dantas como parte de pesquisa sobre a globalização editorial desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB). Entrevista realizada em língua francesa.

<sup>2</sup> Entrevista concedida a Adriana Cláudia de Sousa Costa, no âmbito de sua pesquisa de campo para o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), com bolsa Sanduíche da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de um ano na França (*Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines*). Entrevista realizada em língua francesa.

<sup>3</sup> Entrevista concedida a Marta Pragana Dantas, como parte de sua pesquisa de campo para o Pós-Doutorado realizado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS/CSE) sobre as traduções da literatura brasileira na França, e para a qual contou com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Entrevista realizada em língua portuguesa.

<sup>4</sup> Entrevista concedida a Adriana Cláudia de Sousa Costa, no âmbito de sua pesquisa de campo para o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), com bolsa Sanduíche da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de um ano na França (*Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines*). Entrevista realizada em língua portuguesa.

empreendida. Como observa Bourdieu (1999, p. 7), não é fácil avaliar o grau de autonomia de uma editora, sobretudo quando ela pertence a um grupo. Ele sugere que se lance mão de entrevistas e se leve em consideração o máximo de informações disponíveis em fontes documentais. Na entrevista que realizamos com Anne-Marie Métailié em 2020, perguntamos se ela ainda considerava sua editora independente após a operação de venda, ao que ela respondeu, de forma bastante enfática:

Procurei me apoiar em uma estrutura que pode perenizar meu trabalho, em particular para os autores. E tivemos ofertas, pois somos rentáveis, somos uma editora que funciona bem. Mas eu escolhi um editor, quer dizer, uma casa editorial onde são feitos *livros*, onde não se diz aos editores o que eles devem publicar, como eles devem trabalhar etc. Ao mesmo tempo, como a casa tem quarenta anos, ninguém vai querer me impor o que quer que seja. Eu sou independente! E mais ainda porque não preciso de aporte financeiro do grupo que me comprou. Tenho minha independência financeira e minha independência intelectual absoluta. E editorial também! (Entrevista IV)<sup>5</sup>.

Assim, apoiadas nessa e em outras entrevistas concedidas por Anne-Marie Métailié, e a partir da observação do modo de funcionamento da empresa, de sua linha editorial e do espaço que ocupa no campo, entendemos que a editora pode ser considerada independente.

### **Disposições e encontros – tornando-se editoras especializadas na literatura de uma língua “periférica”**

Quanto mais periférica é uma língua, quanto menor o seu capital linguístico-literário (CASANOVA, 2002), menos institucionalizado e mais aleatório é o caminho que poderá levar ao exercício de atividades como a de tradutor de obras dessa língua ou de editor que publica essas traduções. Ou seja, menos atração essa língua exerce para recrutar pessoas interessadas em se tornarem profissionais dedicados a difundir obras nela escritas e traduzidas. A escolha do exercício de uma dessas atividades é marcada pelo cruzamento entre as disposições pessoais do agente e os acasos na trajetória de cada um, dentro de um espaço de possíveis (o campo editorial).

No caso do tradutor, as formas de acesso para quem quer trilhar esse caminho são um tanto fechadas e dependem muito mais de características (disposições) pessoais (origem

---

<sup>5</sup> As entrevistas estão numeradas de I a IV, conforme a seguir: I - entrevista com Anne-Marie Métailié realizada em 2011 (ver nota 1); II - entrevista com Paula Salnot realizada em 2015 (ver nota 2); III - entrevista com Anne-Marie Métailié realizada em 2020 (ver nota 3); IV - entrevista com Paula Salnot realizada em 2020 (ver nota 4). As traduções para o português das citações são todas de nossa lavra.

No original: «*Donc j'ai cherché à m'appuyer sur une structure qui peut pérenniser mon travail, en particulier pour les auteur [auteurs]. Et on a eu des offres, parce qu'on est rentable, on est une maison qui marche bien. Mais j'ai choisi un éditeur, c'est-à-dire une maison où l'on fait des livres, où l'on ne dit pas aux éditeurs ce qu'ils doivent publier, comment ils doivent travailler, etc. Et en même temps, comme la maison a quarante ans, personne ne veut m'imposer quoi que ce soit. Je suis indépendante ! Et d'autant plus que je n'ai pas besoin de l'apport financier du groupe qui m'a rachetée. J'ai mon indépendance financière et j'ai mon indépendance intellectuelle absolue. Et éditoriale aussi!*»

familiar, capital social e escolar) que abrem as portas, quase que “naturalmente”, para a carreira, do que de espaços institucionalizados voltados para a formação profissional dos interessados (cursos, formações em diferentes níveis etc.).

As razões que levam à decisão de se tornar editor de determinada literatura traduzida de uma língua periférica não são muito diferentes. Elas envolvem, por um lado, disposições pessoais que o indivíduo traz consigo e, por outro, o encontro com atores influentes que, pela posição que ocupam no campo, são capazes de interferir no caminho profissional a ser tomado pelo futuro editor. Não é raro, por exemplo, ouvir de editores o relato sobre o papel fundamental que um professor de língua estrangeira, um editor ou um tradutor exerceram na trajetória para se tornarem o que são. Isso se confirma, inclusive, em relação às fundadoras da *Éditions Métailié* e da *Éditions Anacaona*, conforme veremos.

Nas entrevistas que realizamos com Anne-Marie Métailié, fica claro o papel que alguns desses encontros tiveram em sua trajetória, despertando sua curiosidade intelectual pelo Brasil e alimentando seu desejo de fundar uma editora. Nesse sentido, ela explica que o interesse pela língua e pela literatura brasileiras está relacionado com uma professora – Marlyse Meyer –, cujo método de ensino consistia em traduzir Machado de Assis nas aulas:

No início aprendi português na universidade, com Marlyse Meyer. Era uma língua na qual eu me sentia bem e que eu adorava. O método de ensino era um pouco estranho porque, para a língua portuguesa, a gente aprendeu com Machado de Assis, *Dom Casmurro*. A gente leu a obra durante o ano inteiro. Não havia exercícios. E ainda tinha *Marlyse Meyer*, com quem a gente tinha aulas de literatura brasileira. Não era língua portuguesa, era Machado de Assis! E a gente leu até o fim! E eu me apaixonei perdidamente por Machado... (Entrevista III)<sup>6</sup>.

A fundadora da *Métailié* menciona ainda outro importante encontro ocorrido durante sua formação universitária em Letras na *Sorbonne*, quando teve a oportunidade de assistir a seminários e conferências proferidas por Antonio Candido no ano letivo francês 1964-1965. O período em que o crítico literário e sociólogo permaneceu como professor representou, nas palavras de Anne-Marie Métailié, “uma abertura intelectual extraordinária”<sup>7</sup>.

Em sua formação acadêmica, também fez estudos em ciências humanas e sociologia, tendo colaborado com Pierre Bourdieu em pesquisa sobre as funções do editor no campo intelectual francês. Nessa ocasião, ela teve a oportunidade de conhecer Jérôme Lindon, editor da prestigiosa *Éditions de Minuit*, encontro que teve papel determinante em sua decisão de se tornar editora. Em entrevista concedida a Astrid Eliard para o jornal *Le Figaro* (28/07/2008), referindo-se às motivações que a levaram a fundar sua editora, ela afirma que foi decisivo “conhecer Jérôme Lindon, das *Éditions de Minuit*”<sup>8</sup>. E acrescenta:

<sup>6</sup> No original : « Au départ, j'ai appris le portugais à l'université, avec Marlyse Meyer. C'était une langue dans laquelle je me sentais bien et que j'aimais. La méthode d'enseignement était un peu bizarre parce que, pour la langue portugaise, on a appris avec Machado de Assis, *Dom Casmurro*. On l'a lu pendant toute l'année. C'était pas des exercices. Après il y avait Marlyse Meyer, avec qui on avait des cours de littérature brésilienne. Ce n'était pas de la langue portugaise, c'était Machado de Assis ! Et on l'a lu jusqu'au bout ! Et moi, je suis tombée follement amoureuse de Machado... ».

<sup>7</sup> No original: “une ouverture intellectuelle extraordinaire”.

<sup>8</sup> No original: “Ce fut de rencontrer Jérôme Lindon des éditions de Minuit”.

Ele foi meu informante nativo, como dizemos no jargão dos etnólogos, enquanto eu investigava as funções do editor no campo intelectual para o laboratório de Pierre Bourdieu. Jérôme Lindon representou exatamente o que eu esperava do mundo do trabalho: uma profissão onde você pudesse se reconhecer. Eu nunca escrevi meu relatório, mas não importa, eu havia encontrado minha vocação. Assim, mergulhei fundo, com toda a ignorância e sem dinheiro, para publicar ciências humanas<sup>9</sup>. (MÉTAILIÉ, 2008).

Fundada em 1979, a princípio a *Métailié* tinha como objetivo publicar obras de ciências humanas, mas, em poucos anos, tornou-se uma editora de obras literárias traduzidas. Os encontros com atores ligados ao Brasil e em posição influente suscitaram seu interesse tanto por aspectos políticos e sociais do país quanto por sua literatura. A tal ponto que, no início dos anos 1970, conforme narra na entrevista realizada em 2020, ela passou cinco meses viajando pelo país como ativista em uma organização política da extrema esquerda brasileira. E, ao decidir publicar obras literárias em sua editora recém-fundada, iniciou com traduções de autores brasileiros.

Mas, além das incursões de caráter político no Brasil, ela frequentou, no início dos anos 1980, algumas reuniões do encontro de intelectuais que ocorria aos sábados na residência de Plínio Doyle, no Rio de Janeiro. Conhecidos por “sabadoyle”, esses encontros representaram ocasiões de interação da jovem editora, ainda iniciante, com nomes importantes do meio literário nacional, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade. Do escritor mineiro, chegou, inclusive, a publicar nesse mesmo período o livro de contos *Conversation extraordinaire avec une dame de ma connaissance* (1985) / *Contos de aprendiz* (1951).

Em seus primeiros anos de existência, entre 1979 e 1982, a editora publicou cerca de uma quinzena de títulos voltados para as ciências sociais, em grande parte relacionados à América Latina. Nos catálogos da editora, esses títulos estavam distribuídos em três coleções – *De mémoire de l’homme, L’art et la manière* e *Traversées* –, às quais posteriormente foram acrescentadas novas obras e, à exceção da coleção *L’art et la manière*, extinta em 1998, todas permanecem ativas até hoje.

Os primeiros títulos de literatura foram publicados em 1982, com a criação da *Bibliothèque brésilienne*, primeira coleção dedicada à literatura brasileira em uma editora francesa, composta por duas séries: a *Série témoignages* (testemunhos) e a *Série littérature*. Conforme consta no catálogo de 1982, a *Série témoignages* já contava nesse ano com dois títulos: *Les guérilleros sont fatigués*, de Fernando Gabeira, e *Le journal de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. A *Série littérature* ainda não tinha títulos publicados, mas estava previsto o lançamento de traduções de Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis.

Até 1984, a *Bibliothèque brésilienne* permanecia como única coleção literária na editora. A partir de 1985 começaram a surgir as coleções voltadas para as literaturas de Portugal

---

<sup>9</sup> No original: “Il était mon informateur indigène, comme on dit dans le jargon des ethnologues, alors que je menais une enquête sur les fonctions de l’éditeur dans le champ intellectuel pour le laboratoire de Pierre Bourdieu. Jérôme Lindon représentait exactement ce que j’attendais du monde du travail : un métier où l’on pouvait se reconnaître. Je n’ai jamais rédigé mon rapport, mais n’importe, j’avais trouvé ma vocation. J’ai donc plongé dans le grand bain, en toute ignorance et sans argent, pour publier des sciences humaines”.

(*Bibliothèque portugaise*) e da América hispânica (*Bibliothèque hispano-américaine*), abrindo-se para o “Sul”. Desde então, a editora tem ampliado a cada ano a carta geográfica de suas traduções, sempre enfatizando a diversidade da literatura, como a própria Anne-Marie Métaillé descreve na mesma entrevista concedida a Eliard:

Eu falo espanhol, português, italiano, mas um inglês muito pobre. Então, Métaillé é o Sul... com incursões no Grande Norte, na Escócia, com Burnside, na Islândia, com Arnaldur Indridason [...] [É] necessário apostar na diferença. A literatura deve mostrar a diversidade, mostrar que existem alternativas ao mundo que a televisão está construindo para nós (MÉTAILLIÉ, 2008)<sup>10</sup>.

Paula Salnot percorre, em certo sentido, um caminho inverso com a *Anacaona*, fundada em 2009: após dez anos publicando traduções de literatura brasileira, descobre o nicho dos ensaios relacionados ao racismo e ao feminismo negro de autoras brasileiras como Djamila Ribeiro e Joyce Berth. Sobre essa mudança no perfil de suas publicações, ela esclarece:

Em 2017/2018, se a gente se encontrasse, eu teria lhe falado: “não, eu só quero publicar ficção”. Porque na verdade eu sempre fui uma grande leitora de ficção. E eu achava que os ensaios e as ciências humanas... eu achava que esses livros eram meio chatos, essas coisas que você lê na universidade... mas bom, só isso. [...] E pouco a pouco, quando eu comecei a me interessar pelo feminismo – e no começo eu pensava que esses livros não iriam me interessar –, realmente pelo feminismo negro... Aí eu me identifiquei mais com o feminismo e decidi publicar esses livros. Então com o primeiro livro da Djamila, eu resolvi fazer uma pequena tiragem, porque justamente eu não sabia se o meu público de ficção ia gostar desses livros. (Entrevista IV).

Com esse recente deslocamento do foco da literatura para as ciências humanas, a editora procura ampliar seu campo de atuação (mantendo a especialidade em obras brasileiras) e, ao mesmo tempo, encontrar uma saída para as dificuldades relacionadas ao trabalho editorial orientado exclusivamente para traduções da literatura de uma língua periférica. Ainda é cedo para se saber como evoluirá essa mudança iniciada há apenas dois anos: se se consolidará e a editora investirá cada vez mais nas ciências humanas (feminismo negro, racismo...), ou se conseguirá equilibrar as publicações nesse novo domínio com as traduções de literatura.

No que diz respeito ao seu percurso acadêmico, Paula Salnot tem formação em “Línguas, literaturas e linguística hispânica e latino-americana” pela *Sorbonne Nouvelle – Paris 3*, e em “Tradução e interpretação” pela Universidade Paris 8, de acordo com informação disponibilizada pela autora na rede *LinkedIn* (<https://fr.linkedin.com/in/paula-salnot-73bb0616b>). Antes de se tornar editora e tradutora literária, ela já trabalhava como tradutora técnica autônoma prestando serviço a diversas organizações internacionais, a exemplo do *American Development Bank* e da *European Union/Forest Institute*.

O caminho para se tornar editora está atrelado à sua primeira experiência como tradutora literária que, em suas palavras, ocorreu “um pouco por acaso” (Entrevista IV). Em

<sup>10</sup> No original: «Je parle espagnol, portugais, italien, mais très mal anglais. Alors, Métaillé, c'est le Sud... avec des incursions dans le Grand Nord, en Écosse, avec Burnside, en Islande, avec Arnaldur Indridason. [...] il faut jouer la carte de la différence. La littérature doit montrer la diversité, montrer qu'il existe des alternatives au monde que nous construit la télévision.»

2003, Paula Salnot encontrou-se, no Brasil, com a escritora Heloneida Studart, que lhe fez o convite para traduzir seus livros para o francês. Antes dessa primeira visita ao país, ela havia estudado o português de forma autônoma, mas, diante da proposta da escritora brasileira, percebeu que não tinha ainda domínio suficiente da língua para enfrentar o desafio de traduzir uma obra literária. Foi então que decidiu ter aulas de português com a professora Inô Riou e, desse encontro, nasceu uma parceria que resultou nas seguintes traduções: *Le cantique de Meméia* (2004) / *O pardal é um pássaro azul* (1981), *Les huit cahiers* (2005) / *Selo das despedidas* (2000), e *Le Bourreau* (2007) / *O torturador em romaria* (1986), todas e publicadas pela editora canadense *Les Allusifs*.

Em cada visita ao Brasil, Paula costumava frequentar as livrarias das cidades em que estava para “descobrir livros”. E assim ela conheceu autores brasileiros como Reginaldo Férrez, que, avalia ela, apesar de conhecido das editoras francesas, ainda não havia sido traduzido para o francês.

[...] já na época, eu ia muito ao Brasil. Então, cada vez que eu ia nas livrarias, eu descobria livros e eu cheguei a conhecer o Férrez, que escreveu *Manual prático do ódio*. Eu lembro muito bem que eu ia pra Minas de ônibus e eu li esse livro no trajeto Rio-Belo Horizonte [...] e eu gostei muito desse livro. (Entrevista IV).

O contato com os textos “desses escritores da favela que escrevem muito sobre a realidade deles” (entrevista IV) lhe fez perceber que poderia haver, na França, um nicho, um espaço para a publicação de um tipo de literatura ainda não explorado em outras editoras francesas.

Então depois eu pensei que já que as editoras francesas não querem publicar essa literatura marginal, lá da periferia do Brasil, eu vou publicar porque vamos dizer que é um pouco um nicho comercial. Tem a Gallimard que publica Chico Buarque... bom, os poucos brasileiros que são publicados... ou por exemplo tem o Bernardo Carvalho que é da Métailié... esse tipo de literatura. Bom, eu vou para outro estilo e assim cada um pode ficar um pouco no seu pequeno mercado. (Entrevista IV).

Se seu início como tradutora literária foi marcado pelo acaso, como ela própria afirma em suas entrevistas, a decisão de fundar a *Anacaona* decorreu da série de negativas recebidas de editoras recusando-se a publicar a literatura de escritores da periferia do Brasil. Foi o que aconteceu quando descobriu Férrez e seu *Manual prático do ódio* e, tendo traduzido alguns capítulos do livro, propôs a publicação a algumas editoras, sem sucesso. “Então, como ninguém queria publicar esse livro, eu pensei: bom, eu vou montar minha editora, por que não?” (entrevista IV).

A criação de ambas as editoras decorre, portanto, do encontro entre acasos e disposições adquiridas ao longo da trajetória social de cada uma das fundadoras. Certamente as razões que as levaram a se tornarem editoras não foram as mesmas. Se, no caso de Anne-Marie Métailié, o encontro com Jérôme Lindon a inspirou a abrir uma editora, abandonando a pesquisa no laboratório de Bourdieu para buscar aquilo que ela reconhece como vocação, no caso de Paula Salnot, a *Anacaona* surge do desejo de introduzir na França um tipo de literatura

que não encontrava espaço nas editoras até então existentes. Percebe-se, assim, como os encontros com atores do meio literário e editorial exerceram papel crucial na decisão de montarem suas editoras.

Além disso, as disposições de suas fundadoras – suas experiências e gostos pessoais –, bem como seus capitais escolares se refletiram de maneira evidente em suas posturas e políticas editoriais e em suas posições dentro do campo editorial, como discutiremos a seguir.

### **Posições e tomadas de posição – as editoras *Métailié* e *Anacaona* no campo editorial francês**

Em seu artigo “*Une révolution conservatrice dans l’édition*” [Uma revolução conservadora na edição], publicado em 1999 na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, Pierre Bourdieu analisa o campo editorial francês a partir do estudo de 61 editoras de literatura, tanto francesa quanto traduzida. Nesse estudo, o sociólogo francês define o editor como “aquele que tem o poder inteiramente extraordinário de garantir a *publicação*, isto é, de permitir que um texto e um autor tenham acesso à existência *pública* (*Öffentlichkeit*), conhecida e reconhecida” (BOURDIEU, 1999, p. 3. Itálicos no original)<sup>11</sup>. No entanto, continua o autor, para compreender o processo de seleção que “distingue o ‘publicável’ do ‘não publicável’”, é necessário levar em conta a estrutura interna da editora no que diz respeito aos agentes responsáveis por essa decisão, ou seja, o “dispositivo institucional”: comitês de leitura, leitores, editor, diretores de coleção, pessoal administrativo, conselheiros influentes, tradutores. Essa configuração interna e as interações que aí se estabelecem entre os agentes são, em última análise, determinadas pela estrutura do campo editorial, que possui, ademais, um papel preponderante na definição do porte da editora e da posição que ela ocupa no campo: se mais voltada para o polo comercial ou mais próxima do polo literário. Significa dizer que o lugar que uma editora ocupa dentro de dado campo editorial está relacionado, entre outros elementos, com os critérios que utiliza para selecionar o que será publicado. Essa estrutura interna abrange “desde o ‘decisor’ único, ao menos aparentemente, das pequenas editoras, ao verdadeiro campo de poderes diferenciados das grandes editoras” (BOURDIEU, 1999, p. 3)<sup>12</sup>.

Nesse sentido, as pequenas editoras se posicionam em polo oposto ao das grandes estruturas que dominam o mercado. Nas grandes editoras, sobretudo quando pertencentes a grandes conglomerados, o processo de seleção das obras a serem publicadas depende de um complexo dispositivo institucional com ramificações externas, ao passo que, nas pequenas estruturas, principalmente as independentes, a decisão acerca do que publicar está mais atrelada ao desejo de inovar, de inserir no campo talentos ainda desconhecidos. Assim,

---

<sup>11</sup> No original: «L’éditeur est celui qui a le pouvoir tout à fait extraordinaire d’assurer la publication, c’est-à-dire de faire accéder un texte et un auteur à l’existence publique (*Öffentlichkeit*), connue et reconnue.»

<sup>12</sup> No original: «[...] elle [la structure de l’unité responsable de la décision] va du ‘décideur’ unique, au moins en apparence, des petites maisons, jusqu’au véritable champ de pouvoirs différenciés des grandes maisons.»

imbuídos da missão de descobridores, esses editores selecionam as obras obedecendo mais a critérios que refletem suas disposições individuais. Esse engajamento pessoal fica evidente, por exemplo, nas seguintes palavras de Paula Salnot, proprietária da *Éditions Anacaona*: [...] “como eu tenho a sorte de publicar os livros pelos quais eu me apaixono, também acho que os livros me refletem.” (Entrevista IV).

A análise do modo de funcionamento das editoras *Anacaona* e *Métailié* no que diz respeito à estrutura decisória de cada uma nos permite tecer as considerações a seguir.

De porte pequeno e funcionando de modo um tanto artesanal, a editora *Anacaona* concentra, na pessoa de sua proprietária, as mais diversas funções que podem ser exercidas em uma empresa de edição literária, configurando, talvez, o caso mais extremo da pequena estrutura dotada, literalmente, de apenas um decisor. Sem funcionários na empresa, é ela quem responde por diferentes etapas de produção do livro, desde a seleção dos textos que serão traduzidos e publicados, até o lançamento, passando pelo marketing de vendas junto aos leitores, a promoção em eventos os mais variados e em estabelecimentos de ensino de diferentes cidades da França. Além disso, com formação em tradução, é ela quem traduz a quase totalidade dos livros que publica. No que diz respeito à distribuição, no início ela também respondia por essa parte, mas, recentemente, passou a recorrer a uma empresa para auxiliar nessa “ádua tarefa”, como será tratado mais adiante.

Questionada na entrevista que fizemos em 2015 sobre como descobre as obras que traduz e publica, Paula Salnot relata que, “no começo, era muito por acaso, muito boca a boca”, a partir de indicações de amigos brasileiros. Mas à época da nossa primeira entrevista, alguns agentes e editores no Brasil já a conheciam e lhe enviavam sugestões de textos. Tudo o que sua editora publica, portanto, decorre de decisões e escolhas suas, baseadas nas leituras que faz dos manuscritos que lhe chegam às mãos.

A condição de decisora única, característica das pequenas editoras, não é apenas confirmada pela entrevistada, mas enfaticamente defendida e reivindicada nos termos abaixo, que revelam a dimensão do seu investimento pessoal:

A editora sou eu. Ainda mais na escolha dos livros. Sempre sou eu e quero que continue assim. Quando vejo editores que leem dez linhas de um livro e já decidem se vão publicar, eu penso: não posso! Eu quero ler o livro todo para tomar a decisão. (Entrevista IV).

Em uma empresa de porte médio, mais antiga e mais estruturada como a *Métailié*, a decisão sobre as publicações tende a ser o resultado do trabalho de um grupo, ainda que a palavra final continue sendo de uma única pessoa, a fundadora da empresa, Anne-Marie Métailié. Assim, na entrevista concedida em 2011, ela informa que a empresa possui uma equipe responsável pelas diversas tarefas necessárias ao funcionamento da casa e que, no tocante à operação de seleção das obras a serem publicadas, conta com o apoio dos diretores de coleção e dos leitores especializados nas línguas nas quais ela não possui competência leitora (lembrando que Anne-Marie Métailié domina o português, o espanhol e o italiano). Sobre o processo decisório, afirma ela:

Sou eu quem toma todas as decisões, principalmente no que diz respeito ao Brasil e à América Latina. Existem outras áreas na casa onde há diretores de coleções, porque são línguas que não falo e áreas que não conheço. Mas minhas áreas mesmo são a língua espanhola e a língua portuguesa. Então, sou eu quem decide. (Entrevista I)<sup>13</sup>.

E, mais adiante, completa de forma descontraída: “Eu sou uma ditadora. Não, eu sou uma déspota esclarecida!” (Entrevista I)<sup>14</sup>

Podemos, assim, afirmar que semelhante organização decisória, da qual participam diferentes agentes internos da editora (dispositivo institucional), é fundada menos na figura de uma “decisora única”, do que na de uma “decisora última”, numa configuração, por assim dizer, mais diluída e compatível com a estrutura de uma editora de porte médio como a *Métailié*.

O processo que leva à descoberta de autores e títulos brasileiros a serem publicados pela *Métailié* assemelha-se ao que acontece com a editora da *Anacaona*: passa por uma rede de relações (no caso, amigos e editores) no Brasil, bem como pela indicação feita por agentes literários. Esses dois caminhos são bastante recorrentes no meio editorial, como fica claro na mesma entrevista:

Quanto à escolha das obras, não é por acaso. Eu tenho formação universitária em literatura brasileira, estudei com Antonio Candido, então eu tenho critérios. E também eu leio muito, vou bastante ao Brasil, tenho amigos brasileiros. Em particular, tenho amigos editores brasileiros que me mantêm atualizada do que está acontecendo, que me apontam coisas que acham interessantes. É assim que um catálogo é feito. Todos nós, editores, temos relações, e há os agentes que propõem textos, há também os autores. (Entrevista I)<sup>15</sup>.

Na estrutura do campo editorial francês, que, como todo campo, é marcado por hierarquias, tensões e oposições internas, editoras com perfil literário, independentes e especializadas na tradução de “pequenas” línguas, como a *Métailié* e a *Anacaona*, ocupam posições que podem, num primeiro momento, ser definidas por oposição a algumas características: elas se opõem às filiais de grandes grupos (vinculadas a instâncias superiores), às editoras que traduzem apenas ou predominantemente do inglês, bem como às editoras que, priorizando a acumulação de capital econômico, adotam estratégias mais ou menos assumidamente comerciais. A fim de avançarmos afinando a descrição da posição ocupada

---

<sup>13</sup> No original: “*C’est moi qui prends toutes les décisions, surtout pour ce qui est du Brésil et de l’Amérique Latine. Il y a d’autres domaines dans la maison où il y a des directeurs de collection, parce que ce sont des langues que je ne parle pas et des domaines que je ne connais pas. Mais, si vous voulez, mes domaines à moi, c’est la langue espagnole et la langue portugaise. Donc c’est moi qui décide*”.

<sup>14</sup> No original: «*Je suis un dictateur. Non, je suis un despote éclairé!*»

<sup>15</sup> No original: “*Pour ce qui est du choix des œuvres, ce n’est pas au hasard. J’ai une formation universitaire en littérature brésilienne, j’ai fait mes études avec Antonio Candido, donc j’ai des critères. Et puis je lis beaucoup, je vais assez souvent au Brésil, j’ai des amis brésiliens. En particulier j’ai des amis éditeurs brésiliens qui me tiennent au courant de ce qui se passe, qui me signalent des choses qui leur paraissent intéressantes. C’est comme ça que se fait un catalogue. Tous les éditeurs, nous avons des relations, il y a des agents qui proposent des textes, et puis il y a aussi les auteurs...*”.

pelas duas casas editoriais, recorreremos a alguns dos critérios estabelecidos por Bourdieu (1999) em sua mencionada análise sobre o campo editorial francês de meados dos anos 1990, articulando-os com dados extraídos das entrevistas realizadas com as duas editoras. Assim, adotamos os seguintes critérios: antiguidade da editora, localização da empresa, número de funcionários, línguas traduzidas, número de títulos publicados por ano, relevância dos prêmios recebidos.

Segundo Bourdieu (1999), quanto mais jovem é a casa editorial, mais desprovida ela é de todos os tipos de capital (econômico, comercial ou simbólico), uma vez que o processo de acumulação desses recursos depende da ação do tempo, o que coloca uma editora recém-criada no polo oposto ao das grandes empresas tradicionais dotadas de grande prestígio. Nesse sentido, referindo-se ao campo editorial francês do período entre 1995 e 1996, afirma Bourdieu:

Resumindo, vê-se assim se oporem, do ponto de vista do volume global do capital possuído, as grandes empresas antigas que acumulam todas as espécies de capital, econômico, comercial e simbólico, e cujo paradigma é Gallimard, e as pequenas empresas recentes que, estando em fase de acumulação inicial do capital, são mais ou menos desprovidas de todas as espécies de capital [...]. (BOURDIEU, 1999, p. 14)<sup>16</sup>.

No quesito antiguidade, há uma diferenciação entre as duas editoras aqui analisadas: a *Métailié* foi fundada trinta anos antes (1979) da *Anacaona* e conta com uma estrutura consolidada (possui sede física no 6º *arrondissement* ou distrito de Paris e, à época da segunda entrevista, dez funcionários, ao passo que a editora de Paula Salnot é bem mais recente (fundada em 2009), não possui empregados e funciona no mesmo endereço em que reside a proprietária, o 11º *arrondissement*. O local onde foram concedidas as entrevistas objetiva essa diferenciação entre as duas editoras. No caso da *Métailié*, nas duas ocasiões nos dirigimos à sede da editora; no caso da *Anacaona*, a entrevista que foi realizada presencialmente (entrevista II) deu-se em uma área externa, um agradável jardim da capital francesa. É importante mencionar que a localização da *Métailié* a insere no perímetro representado pelos 5º, 6º e 7º *arrondissements*, onde se concentram editoras dotadas de importante capital global, tais como *Gallimard*, *Grasset* e *Minuit*. Com 42 anos de existência, a *Métailié*, que hoje pode ser definida como uma editora de porte médio, encontra-se em uma fase bem mais avançada de acumulação dos diferentes tipos de capital, sobretudo se comparada à *Anacaona*. Vários elementos apontam nesse sentido: sua antiguidade, o número de títulos que publica por ano (entre 24 e 27), o consistente sistema de difusão e distribuição ao qual tem acesso como editora pertencente ao grupo *Le Seuil/La Martinière*, o número cada vez maior de autores agraciados com prêmios, assim como as línguas de que traduz.

No que diz respeito aos autores premiados, se, por um lado, a maioria dessas distinções tem pouca projeção nacional (como prêmios de prefeituras e entidades de cidades do

---

<sup>16</sup> No original: «Bref, on voit ainsi s'opposer, sous le rapport du volume global du capital possédé, les grandes entreprises anciennes qui cumulent toutes les espèces de capital, économique, commercial et symbolique, et dont le paradigme est Gallimard, et les petites entreprises récentes qui, étant dans la phase d'accumulation initiale du capital, sont à peu près démunies de toutes les espèces de capital [...]»

interior da França), por outro, deve-se observar a grande quantidade dessas premiações, recebidas desde o início da editora, e, sobretudo, a indicação mais recente (2007 e 2020) a dois prêmios de grande prestígio, de acordo com informações disponíveis em sua página oficial (<https://editions-metallie.com/prix/>): primeira seleção do Prêmio *Médicis* na categoria romance estrangeiro; finalista do prêmio *Fémima* na categoria *Étranger*, e segunda seleção do mesmo prêmio na categoria *Essai* (ensaio). Sua especialidade sendo traduções de literatura estrangeira, boa parte dos prêmios foram concedidos aos autores da casa em seus próprios países de origem. Nesse sentido, é importante salientar que o capital simbólico conferido por uma premiação no país de origem não é transferido para o novo contexto quando a obra é traduzida, ou seja, no caso aqui tratado, não produz na França o mesmo efeito de acumulação de capital. É o que lembra Bourdieu (2002, p. 4) quando, referindo-se à circulação internacional das ideias por meio da tradução, afirma: “as trocas internacionais são submetidas a certo número de fatores que são geradores de mal-entendidos. Primeiro fator: o fato de que os textos circulam sem o seu contexto”<sup>17</sup>.

Em relação às traduções, a *Métailié* confere um importante espaço para línguas ditas menores, ou seja, com pouco prestígio no sistema linguístico mundial (SWAAN, 2001), não deixando, no entanto, de publicar traduções de línguas centrais, inclusive da “língua da globalização”. Assim, publica títulos traduzidos do português, do islandês, do italiano, do alemão, do espanhol e do inglês. Essa escolha com ênfase em línguas periféricas vem acompanhada da prioridade conferida, no que tange à língua portuguesa, à tradução de obras originárias do Brasil, de Portugal, de Angola e de Moçambique. No que se refere ao espanhol, língua considerada supercentral no sistema de Swaan, a ênfase é dada à literatura dos países hispano-americanos. Essas tomadas de posição explicam por que a editora é conhecida, no meio editorial e entre leitores, como “a especialista da literatura da América do Sul”, tendo, em 2013, um terço de seu catálogo dedicado a obras traduzidas dessa região (PULECIO; LOUISSIER, 2013)<sup>18</sup>.

O lugar reservado à tradução em uma editora é um dos elementos que contribuem para a definição de sua posição no campo a partir de um jogo de oposições (BOURDIEU, 2009). A primeira delas, entre publicar (ou publicar exclusivamente) traduções ou não publicar traduções. Em seguida, no âmbito das editoras que publicam traduções, a oposição se dá, por exemplo, entre as que traduzem muito e as que traduzem pouco; entre as que traduzem do inglês e as que não traduzem do inglês; entre as que traduzem do inglês e as que traduzem de pequenas línguas ou de línguas raras; entre as que se dedicam exclusivamente à tradução e as que não publicam traduções.

Nesse contexto, a *Métailié* assume posições que um pequeno editor não assume (nem poderia assumir) quando, por exemplo, traduz do inglês, língua cuja dominação é avassaladora no sistema mundial das traduções (HEILBRON, 2010), mas, ao mesmo tempo,

---

<sup>17</sup> No original: «Les échanges internationaux sont soumis à un certain nombre de facteurs structureaux qui sont générateurs de malentendus. Premier facteur : le fait que les textes circulent sans leur contexte.»

<sup>18</sup> No original: «L'éditrice est identifiée par les professionnels et les lecteurs comme la spécialiste de la littérature d'Amérique du Sud. Un tiers du catalogue de la maison y est consacré.»

consegue manter coerência com sua opção inicial pela diversidade literária ao traduzir, ao lado de autores britânicos e estadunidenses, obras de autores da África anglófona (Libéria, Nigéria, Uganda e África do Sul), da Austrália, da Escócia e do Canadá. Além disso, continua traduzindo literaturas de “pequenas” línguas e/ou de outros países literariamente desconhecidos. A maneira como compõe seu catálogo de línguas e regiões a distancia das editoras literárias tanto de pequeno quanto de grande porte, as quais exercem suas escolhas e tomadas de posição em função de outras coerções.

A *Anacaona*, por sua vez, com apenas doze anos de existência, dedicando-se fundamentalmente à tradução de literatura brasileira e, publicando não mais que cinco livros por ano, é desprovida de quase todos os tipos de capital, ou seja, encontra-se na fase inicial de acumulação. Diferentemente da *Métailié*, a opção editorial da *Anacaona* por um único país e língua periférica (o português do Brasil) impõe, de início, um importante desafio à acumulação de capital simbólico, econômico e comercial. Em seu catálogo, observa-se que as obras, muitas delas premiadas no Brasil, não receberam, até onde pesquisamos, distinções na França, com exceção, em 2017, da “menção especial” do prêmio *Gulbenkian-Books*, criado em 2015, conferido à tradutora Paula Anacaona como “encorajamento à tradução de grandes vozes da literatura afro-brasileira”, como informado na página oficial da editora (<https://www.anacaona.fr/prix-litteraires-conceicao-evaristo/>).

O foco inicial da editora incidiu sobre a literatura contemporânea de autores da periferia, tendo, com o tempo, incorporado outras temáticas: romances do Nordeste, romances urbanos, bem como, mais recentemente, ensaios voltados para o feminismo negro e o pensamento decolonial. Percebe-se ainda, no catálogo, a preocupação em equilibrar obras de autores contemporâneos e títulos de autores considerados canônicos no Brasil, como José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, numa estratégia para conferir prestígio ao acervo da editora.

No que diz respeito à difusão e distribuição, em seus primeiros anos de existência, a editora, que publicava um ou dois livros por ano, contava apenas, nas palavras de sua proprietária, com o “corpo-a-corpo”, ou seja, seu trabalho individual. Mas nos últimos anos, com o aumento da média anual de livros publicados, seus títulos passaram a ser difundidos pela *Hobo Diffusion* e distribuídos, na França e na Bélgica, pela *Makkassar*. É interessante observar a homologia de posições entre editora e agente de difusão, ambas marcadas pelo selo de certa militância alternativa no mercado editorial. Em seu sítio oficial na Internet (<https://www.hobo-diffusion.com/fscmsDocument/show/id/1>), a *Hobo Diffusion* deixa claro o engajamento no combate contra os efeitos da globalização editorial e afirma sua posição independente e engajada, ao declarar: “*Hobo Diffusion* promove a edição independente, engajada, libertária e contracultural, permitindo-lhe fazer-se presente nas livrarias”, e “*Hobo Diffusion* pretende-se um espaço de liberdade em um mercado editorial monopolizado e dominado pelos grandes grupos”<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> No original: «*Hobo Diffusion* promeut l'édition indépendante, engagée, libertaire, contre-culturelle, en lui permettant d'être présente en librairie.» e «*Hobo Diffusion* se veut un espace de liberté dans un marché de l'édition monopolisé et dominé par les grands groupes.»

Os elementos acima expostos, a serem completados por uma análise mais aprofundada que não caberia no âmbito deste artigo, parecem-nos, entretanto, suficientes para evidenciar a diferença existente entre as posições e tomadas de posição de duas editoras no campo editorial francês, e as implicações daí advindas para a inserção da literatura brasileira nesse espaço. A configuração do campo editorial em um dado momento, a posição que nele ocupa a editora, bem como sua estrutura interna são fatores indissociáveis que, agindo em conjunto, produzem significados sobre o que é publicado e apontam para o princípio de legitimação – “específico” ou “dado pelo mercado” (BOURDIEU, 1989/1990, p.22) – que orientará o grau e o tipo de reconhecimento a ser conferido a essas publicações.

## Conclusão

O percurso feito até aqui teve por objetivo realizar um estudo inicial a respeito de duas editoras bastante ativas na França quando o assunto é literatura brasileira: a *Métailié* e a *Anacaona*. Procuramos descrever, com amparo em conceitos da teoria dos campos de Bourdieu, elementos da trajetória escolar e social das respectivas fundadoras; suas disposições e os acasos que pontuaram suas trajetórias; aspectos relacionados à estrutura interna das duas empresas e aos processos decisórios; descoberta e seleção das obras como tomadas de posição; o capital simbólico acumulado; a política editorial reservada à tradução, e a estrutura do campo editorial.

Para uma literatura como a brasileira, autônoma e esteticamente consolidada, mas com pouca projeção internacional, observar o circuito que leva à seleção, tradução e difusão de suas obras em determinado contexto no exterior contribui para uma melhor compreensão sobre essa condição de invisibilidade. Afinal, o editor é um importante mediador nesse processo, participando do “jogo” da construção social de sentidos de uma obra, ao lado, certamente, do próprio escritor bem como dos críticos, dos membros de instâncias de consagração (júris de prêmios, academias etc.), e dos demais atores que contribuem para a formação de leitores aptos a conhecer e reconhecer a obra como obra de arte, dotada de valor (professores, a família etc.), como ressalta Bourdieu (1989/1990, p. 10). Essa visão sistêmica, contrária à concepção essencialista sobre o valor da obra literária, afasta, de antemão, explicações que pretendam imputar à recente produção literária brasileira uma qualidade estética questionável que dificultaria seu reconhecimento internacional.

Além de uma compreensão sobre o papel do editor, a análise aqui empreendida deixa entrever a necessidade de um melhor entendimento sobre outros aspectos que não puderam ser desenvolvidos nos limites deste artigo. Referimo-nos, por exemplo, a elementos ligados ao contexto francês, tais como as expectativas do público leitor em relação à literatura brasileira, e as imagens que possui sobre o Brasil. A esse respeito, o depoimento das duas editoras entrevistadas é bastante revelador, apontando para o predomínio, no leitor francês, de expectativas ainda inspiradas em clichês, aos quais a literatura brasileira deveria corresponder. Assim se expressa, de maneira contundente, Anne-Marie Métailié:

Acredito que a maioria dos leitores [franceses] tenha uma visão folclórica do Brasil, ou seja... arquetipicamente, caricaturalmente, o Brasil é música, não literatura. Sobretudo porque a literatura brasileira absolutamente não corresponde à imagem exótica que os franceses têm, que vão à procura de mulatas ... não há! Eu não vi mulatas na produção atual. Os autores brasileiros são muito mais intelectuais ... muito mais até do que os hispano-americanos, eles não têm essa tradição de contar histórias, são muito mais intelectuais. Assim, existe um distanciamento entre a imagem que os franceses têm quando vão passar as férias no Brasil e o que a literatura brasileira lhes traz. Existe uma lacuna difícil de ultrapassar. [...] não tenho certezas, não faço marketing. Eu vejo que é muito complicado, é muito complicado vender os brasileiros. (Entrevista I)<sup>20</sup>.

Semelhante pensamento, que precisaria ser discutido de forma mais aprofundada no âmbito de outra análise, encontra eco nessas palavras de Paula Salnot:

[...] [Eu] acho que com ficção o francês ainda tem um pouco uma visão colonial sobre o Brasil. Ele pensa que o Brasil não sabe escrever literatura, a não ser que seja literatura tipo realismo mágico, Gabriel García Márquez, Jorge Amado, aí tudo bem. Mas [o brasileiro] escrever outro tipo de livro, o francês tem um pouco ainda de dificuldade [de aceitar]. (Entrevista IV).

Os dois estudos de caso aqui empreendidos ilustram a diferença existente entre se fazer traduzir e publicar por uma pequena editora, quase artesanal e ocupando uma posição periférica no campo editorial, ou por uma estrutura de porte médio, com quase meio século de existência e acesso a uma importante rede de distribuição. Mesmo sendo as duas editoras mais atuantes no nicho da literatura brasileira na França, não possuem o mesmo grau de inserção no campo editorial francês. A *Anacaona*, situada entre os editores que possuem poucos recursos econômicos e são quase inteiramente desprovidos de capital simbólico, e privada de uma rede ampla de distribuição, interfere muito pouco no jogo editorial como um todo (BOURDIEU, 1999, p. 11). A *Métailié*, por sua vez, encontra-se em um estágio bem mais avançado de acumulação de capital simbólico e financeiro, estando, além disso, vinculada ao grupo *Le Seuil/La Martinière*, o que lhe garante acesso a uma ampla rede de distribuição. Esses elementos a inscrevem em uma posição que lhe assegura uma melhor inserção como jogadora no campo editorial.

Conforme vimos, as posições ocupadas pelas duas editoras no campo editorial francês produzem efeitos sobre a maneira como são introduzidas e apresentadas ao leitor (geral e especializado, ou seja, os críticos) as obras por elas traduzidas e publicadas. Produz, ainda, efeitos para além das fronteiras da França. No sistema literário mundial, marcado por

---

<sup>20</sup> No original: "*Je crois que la majorité des lecteurs a une vision folklorique du Brésil, c'est-à-dire que pour... comme ça, archétypiquement, caricaturalement, le Brésil c'est la musique, c'est pas la littérature. Surtout, surtout que la littérature brésilienne ne correspond absolument pas à l'image exotique que se fait le Français, qui va chercher des mulatas... il y en a pas ! Moi, je n'ai pas vu des mulatas dans la production actuelle. Les auteurs brésiliens sont beaucoup plus intellectuels... beaucoup plus même que les hispano-américains, ils n'ont pas cette tradition de raconter des histoires, ils sont beaucoup plus intello. Donc il y a un décalage entre l'image que se font les Français qui vont passer les vacances au Brésil et ce que leur apporte la littérature brésilienne. Il y a un gap difficile à passer. [...] J'ai pas de certitudes, je fais pas du marketing. Je constate que c'est très compliqué, c'est très compliqué de vendre les Brésiliens.*"

hierarquias e assimetrias, as traduções publicadas em capitais literárias como Paris, Nova Iorque ou Londres funcionam como uma vitrine, influenciando muitas vezes, como em um efeito cascata, as escolhas editoriais de editores de outros países.

Por fim, pensamos que compreender o funcionamento desse sistema, tanto em contextos locais como na esfera global, nele situando o modo de inscrição da literatura brasileira, poderá orientar o estabelecimento de políticas de apoio e fortalecimento dessa literatura no xadrez literário internacional.

COSTA, A.C. de S.; DANTAS, M.P. Two publishers and a disposition: translating Brazilian literature in France. *Olho d'água*, v. 13, n. 2, p. 71-88, 2021.

## Referências

BOURDIEU, P. El campo literario. *Criterios*. La Habana, nº 25-28, jan. 1989 / dez. 1990, p. 20-42. Disponível em: <https://gep21.files.wordpress.com/2010/04/1-bourdieu-campo-literario.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BOURDIEU, P. Une révolution conservatrice dans l'édition. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 126, nº 1, 1999, p. 3-28.

CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 436p.

CHARRON, M. Elementos para uma cartografia da literatura quebequense traduzida no Brasil: textos, percursos, atores. In: DANTAS, M. P.; SOUSA, G. H. P. de. (org.). *A tradução de obras francesas no Brasil*. Trajetórias, debates, deslocamentos. Campinas (SP): Pontes Editores, 2019, p. 15-38.

HEILBRON, J. Structure and Dynamics of the World System of Translation. *International Symposium 'Translation and Cultural Mediation'*, UNESCO, February 22-23, 2010.

MÉTAILIÉ, A-M. La Passionnée. *Le Figaro*, Paris, 28 jul. 2008. Entrevista concedida a Astrid Eliard. Disponível em: [www.lefigaro.fr/livres/2008/07/28/03005-20080728ARTFIG00246-anne-marie-metailie-la-passionnee-.php](http://www.lefigaro.fr/livres/2008/07/28/03005-20080728ARTFIG00246-anne-marie-metailie-la-passionnee-.php). Acesso em: 13 jul. 2020.

MÉTAILIÉ, A-M. *Entrevista I*. [jan.2011]. Entrevistadora: Marta Dantas. Paris, 2011. 1 arquivo. .WAV (48min).

MÉTAILIÉ, A-M. *Entrevista III*. [ago. 2020]. Entrevistadora: Adriana C.S. Costa. Paris, 2020. 1 arquivo .mp3 (29min).

PULECIO, L. LOUSSIER, F. La politique éditoriale de Métailié: «Pour nous ouvrir le monde passionnément». *Monde du Livre*. Carnet tenu par les étudiants du Master professionnel Lettres spécialité Monde du Livre à l'Université d'Aix-Marseille. 20 jul. 2013. Disponível em: <https://mondedulivre.hypotheses.org/604>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SALNOT, P. *Entrevista II*. [abr.2015]. Entrevistadora: Marta Dantas. Paris, 2015. 1 arquivo .WAV (2h14min).

SALNOT, P. *Entrevista IV*. [mar. 2020]. Entrevistadora: Adriana C.S. Costa. Paris, 2020. 1 arquivo .mp3 (50min).

SAPIRO, G. Globalization and cultural diversity in the book market: the case of literary translations in the US and in France. *Poetics*, 38, 2010, p. 419-439. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.poetic.2010.05.001>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SWAAN, A. de. *Words of the World: The Global Language System*. Cambridge: Polity Press: 2001.

Recebido em 11/06/2021

Aceito em 05/07/2021